



SER MALANDRO OU SER MANÉ?

Diálogo entre Literatura, MPB e Educação

Maria de Fátima Pereira da Silva Lima

RESUMO: O presente estudo pretende analisar a figura do malandro, mais especificamente partindo do princípio educacional, do aluno considerado malandro, que consegue tudo através das trapaças, e a do Mané, aquele aluno Caxias, que faz tudo de acordo com o que lhe parece correto. O malandro não é uma personagem nova na sociedade, existe desde muitos tempos e se consolidou no Brasil como uma personagem valorizada pelas pessoas. Este trabalho considera que o malandro como uma figura do povo é respeitado e até amado por muitos. Na MPB o indivíduo é muito cultuado, na literatura uma espécie nem de herói e nem de anti-herói, mas uma figura que não pratica a malandragem para prejudicar as outras pessoas. Desse modo serão investigados os reflexos dessa malandragem na educação, ressaltando que esta figura consegue tudo através da velhacaria, e a esperteza é uma questão cultural do país. Portanto, cabe a este investigar a vantagem em ser considerado Mané e se esforçar muito para conquistar tudo enquanto o malandro facilmente consegue.

PALAVRAS-CHAVE: Malandragem. Mané. Literatura.

1 INTRODUÇÃO

A geração Z tem um novo olhar em relação à educação escolar, e está cada vez mais ligada a novas tecnologias, que surgem de modo muito rápido. Isto reflete na educação de forma significativa, pois os mesmos jovens ainda não têm a maturidade e fazem o uso de forma prejudicial. Com isso os docentes se encontram em grande dificuldade na busca por atingir alguns desses alunos, já que os mesmos se preocupam cada vez menos com o seu papel dentro da escola. A proibição quanto ao uso não é o caminho a se percorrer, pois é recomendação da DCN, mas ao menos controlar esse uso é necessário.

A situação se agrava quando o aluno ao decorrer do ano não conseguiu absorver conteúdo suficiente para as atividades formais da instituição de ensino e os mesmos recorrem ao artifício da malandragem, copiam, colam entre muitas outras artimanhas. O malandro está em todas as partes da sociedade e sempre dá o seu jeitinho em tudo. Mas o Mané também está e é sempre aquela figura Caxias, que faz tudo certo.

Na verdade o malandro não precisa se esforçar tanto quanto o Mané, pois consegue tudo pela trapaça. Esta figura ajuda ainda mais a consolidar a cultura de mau caráter dada aos

brasileiros. As consequências dessas ações são desastrosas, pois se o Brasil quiser eliminar o analfabetismo funcional precisa encontrar soluções para os problemas. Sendo eles o desinteresse da geração Z frente à educação, pois isto gera e nutre o analfabetismo funcional no país. Porém pode ser uma tarefa árdua, uma vez que, os números mostram que o Brasil é um dos últimos países em relação ao índice educacional e outro fator é que ser considerado malandro soa bonito. O objetivo aqui é fazer um paralelo entre a figura do malandro e a do Mané, em diálogo com a MPB e a literatura para identificar possíveis vantagens em ser Mané ou malandro e os reflexos na educação.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho bibliográfico, sendo analisados trabalhos anteriores para entender estas figuras. Tendo como principais fontes de pesquisa os teóricos: Antônio Candido (1970); Ramos (2012); Da Mata (1986), sendo que sempre que necessário serão revisadas outras literaturas. Serão visitadas algumas letras da MPB em busca de relacionar a figura do malandro e na literatura brasileira à obra de Manuel de Almeida (2011).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma sociedade que foi constituída através de engano e muita dor, a figura do malandro surge, inicialmente pela MPB, que chegou com grande força e exaltava esta figura, posteriormente também surge Leonardinho, o primeiro malandro na literatura brasileira. O malandro brasileiro tenta tirar vantagem em tudo e a pessoa que não pratica as mesmas coisas que ele é considerado o Mané, aquele que não mente, não trapaceia, porém não consegue tanto quanto o malandro. Nesse sentido a atual geração de brasileiros não vêm muita vantagem em ser Mané. Como já dizia Bezerra da Silva:

Malandro é o cara
Que sabe das coisas
Malandro é aquele
Que sabe o que quer
Malandro é o cara
Que tá com dinheiro
E não se compara
Com um Zé Mané

Malandro de fato
 É um cara maneiro
 Que não se amarra
 Em uma só mulher

Já o Mané ele tem sua meta
 Não pode ver nada
 Que ele cagueta
 Mané é um homem
 Que moral não tem
 Vai pro samba, paquera
 E não ganha ninguém
 Está sempre duro
 É um cara azarado
 E também puxa o saco
 Prá sobreviver
 Mané é um homem
 Desconsiderado
 E da vida ele tem
 Muito que aprender.

Logo ser “Mané” não se torna vantajoso, é muito mais fácil não trabalhar e sempre ter dinheiro, não estudar e avançar no ano letivo, embora isso possa vir com consequências, ser desejado pelas mulheres enquanto o outro é o certinho e não consegue nada. Certamente também não é de interesse do malandro nem estudar, nem trabalhar e nada que seja dificultoso. Ele tem aversão à escola e faz de tudo para se manter distante dela, (ALMEIDA 2010, p. 58) “[...] portou-se de tal maneira que o mestre não se pôde dispensar de lhe dar quatro bolos, o que lhe fez perder toda a folia com que entrara: declarou desde esse instante guerra viva à escola”. O aluno era desatencioso, sem preocupação nenhuma com as regras que lhe eram impostas. Almeida (2010, p. 58) pontua:

Entrou este desesperado para a escola, e por princípio nenhum queria estar quieto e calado no seu banco; o mestre chamou-o e pô-lo de joelhos a poucos passos de si; passado pouco tempo voltou-se distraidamente, e surpreendeu-o no momento em que ele erguia a mão para atirar-lhe uma bola de papel.

O malandro de hoje não é muito diferente, em relação à educação. Quando vai a escola se porta de forma indisciplinada em sala, não se concentra nas disciplinas, pois nada interessa para ele e segundo ele “não vai usar para nada”, e ainda mais assustadora é a forma desinteressada que se portam ao fazer o uso dos aparelhos celulares, de forma não adequada durante as aulas.

4 CONCLUSÕES

Ademais, o comportamento do malandro pode prejudicar e muito a imagem do país. Scheyerl e Siqueira (2008, p. 375) salientam:

Bárbaro, grosseiro, melancólico, preguiçoso, malandro, por um lado e, por outro, exótico, alegre, cordial. Essas são algumas das imagens tradicionalmente associadas por estrangeiros e até mesmo por sociólogos, antropólogos e escritores nativos à representação do brasileiro.

Ainda somos vistos como o “bom selvagem, uma criatura com uma cultura fraca, nossos estudos não são reconhecidos”. Enquanto a figura do malandro na sociedade se sobressair, e não acontecer políticas que possam realmente mudar o quadro educacional, diminuindo o índice de analfabetismo no país, o Brasil continuará como país de terceiro mundo, pois a base para a mudança é a educação. De acordo com Azevedo (1963), uma sociedade constitui o seu caráter de diversas formas, na música, na história, na literatura e também na família e educação. Concluindo, é o ser humano o responsável pela construção de sua identidade e a cada dia ela é formada. O quadro educacional pode ser revertido, mas para isso a ideologia da malandragem frente à educação deve ser desconstruída.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. 4. ed. São Paulo: 2010.

AZEVEDO, F. de. **A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963. (4 Biblioteca Básica Brasileira).

CANDIDO, Antônio. Dialética da Malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 8, p. 67-89, 1970. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/viewFile/69638/72263>>. Acesso em: mar. 2018.

RAMOS, Márcio Roberto Vieira. O uso das tecnologias em sala de aula. **Revista eletrônica Lenpes-Pibid de Ciências Sociais UEL**, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/2%20Edicao/MARCIO%20RAMOS%20-%20ORIENT%20PROF%20ANGELA.pdf>> . Acesso em: 16 maio 2018.

SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio. O Brasil Pelo Olhar Do Outro: Representações De Estrangeiros Sobre Os Brasileiros De Hoje. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 47, n. 2, p. 375-91, jul./dez. 2008.